

O USO DA INTERNET PARA ALICIAMENTO SEXUAL DE CRIANÇAS¹²

Mayra Lopes de Moraes³Alexandre Garcia Aguado (Orientador)⁴

137

RESUMO

Com o avanço da tecnologia, em especial, com o amplo acesso da Internet em todo o mundo, muitos agressores sexuais utilizam este meio para aliciar crianças e adolescentes, com o propósito de abusar sexualmente deles, explorá-los sexual e comercialmente ou utilizá-los para a produção e distribuição de materiais pornográficos. Este trabalho tem o objetivo de compreender como um pedófilo utiliza a Internet para aliciar sexualmente crianças, comparar esta atuação com a consciência que crianças e seus pais ou responsáveis têm sobre o uso seguro desta tecnologia e verificar assim, se as crianças estão protegidas deste tipo de violência. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica de materiais nacionais e internacionais sobre o tema proposto e a seguir, foram elaborados dois questionários e aplicados via on-line, aleatoriamente, em dois grupos distintos: crianças com idades entre 8 e 11 anos, usuárias da Internet e pais/responsáveis destas crianças. O resultado da pesquisa indica que famílias com acesso aos meios de comunicação, que têm facilidade e disponibilidade para buscar informações sobre a própria segurança e das suas crianças são pouco vulneráveis a perigos na Internet, mesmo assim, praticam alguns comportamentos de risco. Tais comportamentos podem facilitar que pedófilos tenham acesso mais fácil às crianças, aumentando as chances de aliciá-las sexualmente.

Palavras-chave: Pedofilia na Internet; Aliciamento Sexual de crianças; Criança e Internet.

ABSTRACT

With technology advance, especially with the wide access of the Internet around the world, many sex offenders use this middle to entice children and teenagers, with the purpose of sexually abusing them, exploit them sexually and commercially or use them for the production and distribution of pornographic materials. This study aims to understand how a pedophile uses the Internet to sexual grooming of children, compares this performance with the awareness that children and their parents/guardians have about the safe use of this technology and thus checks if children are protected from this type of violence. To accomplish this, it was conducted a literature review of national and international materials on the theme and then, two questionnaires were produced and applied online, randomly into two distinct groups: children between 8 and 11 years old, Internet users and parents/guardians of these children. The result of the research indicates that families with media access, have easy and willingness to research information about their own safety and their children are less vulnerable to dangers on the Internet, even then, practice some risk behaviors. Such behaviors can facilitate that pedophiles have easier children access, increasing the chances of sexual grooming them.

Keywords: *Pedophilia on the Internet; Sexual Grooming of Children; Child and Internet.*

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual em crianças existe há séculos e de acordo com Sanderson (2005), é difícil obter dados históricos sobre o assunto, por causa da sua natureza sombria e do segredo que o rodeia. Devido à criação e ampliação dos serviços de proteção à criança e ao adolescente, a percepção do abuso sexual aumentou, pois este tipo de serviço permite que mais crianças e adultos sobreviventes revelem suas experiências de abuso sexual, aumentando as denúncias, mas mesmo assim muitos abusos permanecem ocultos.

Com o avanço da tecnologia, em especial, com o amplo acesso à Internet em todo o mundo, muitos agressores sexuais utilizam este meio para aliciar crianças e adolescentes, com o propósito de abusar

¹ Artigo baseado em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido em cumprimento a exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia de Segurança da Informação da Faculdade de Tecnologia de Americana

² Recebido em submissão em: 30/12/2013

³ Graduanda em Tecnologia de Segurança da Informação – Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Paula Souza; Psicóloga especialista em Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes. Contato:

⁴ Prof. Me. Fatec Americana - Graduação em Tecnologia de Software Livre, Mestrado em Tecnologia e Inovação ; Contato: ale.garcia.aguado@gmail.com

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

sexualmente deles, explorá-los sexual e comercialmente ou utilizá-los para a produção e distribuição de materiais pornográficos.

Em muitos países, incluindo o Brasil, a pedofilia é um crime hediondo, mas quando ele é cometido utilizando-se da Internet como meio, a condenação dos criminosos torna-se mais complexa, pois se trata de uma rede mundial, envolvendo muitas vezes diversos países com as mais variadas legislações.

Segundo Martins e colaboradores (2007), a Internet facilitou a execução e a propagação de diversas práticas ilícitas, sendo muito difícil à legislação brasileira acompanhar a velocidade com que os crimes se multiplicam na rede. É neste meio de comunicação que os pedófilos encontram um campo vasto e, na maioria das vezes, impune para atuar. É um meio que facilita a divulgação e a comercialização de materiais pornográficos infantis em grande escala.

A prevenção torna-se imprescindível porque depois que o crime ocorre, a punição dos responsáveis não é garantida e os danos físicos e psicológicos provocados nas crianças são irreparáveis.

Segundo Bretan (2012), o Brasil é um país que possui uma política punitiva e repressora, não havendo investimento suficiente para medidas preventivas em diversas áreas, entre elas educação, saúde e segurança. Não se evita a vitimização e a atuação ocorre somente quando o mal já foi causado.

Sendo assim, espera-se que esta pesquisa contribua com a reflexão do tema, com o intuito de que sejam concretizadas estratégias de prevenção para o aliciamento sexual de crianças por meio da Internet, para que elas possam ter acesso às tecnologias sem o risco de terem seus direitos violados.

O objetivo principal deste trabalho é compreender como um pedófilo utiliza a Internet para aliciar sexualmente crianças, comparar esta atuação com a consciência que crianças e seus pais ou responsáveis têm sobre o uso seguro desta mídia e verificar assim, se as crianças estão ou não protegidas deste tipo de violência.

2 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo, foi desenvolvida uma metodologia composta por cinco etapas.

Na primeira foi realizada uma revisão de literatura nacional e internacional de assuntos que se complementam: criança e Internet; perfil dos pedófilos; perfil das vítimas de pedofilia; atuação do pedófilo utilizando a Internet como meio para aliciar crianças para abuso sexual; e maneiras de garantir a segurança das crianças enquanto elas fazem uso da Internet. A atuação do pedófilo foi comparada com a atuação de engenheiros sociais¹, considerando o uso de métodos parecidos de abordagem à vítima, embora a motivação seja diferente.

Na segunda etapa, foram construídos dois questionários do tipo fechado, sendo um direcionado a 20 pais/responsáveis de crianças do gênero masculino e feminino, com idades entre 8 e 11 anos, usuárias da Internet, seja por meio de computadores ou dispositivos móveis. O objetivo deste questionário foi avaliar a noção de segurança que pais/responsáveis têm diante da utilização da Internet pelos seus filhos. Outro questionário foi direcionado a 20 crianças do gênero masculino e feminino, com idades entre 8 e 11 anos, usuárias da Internet. Este questionário teve o intuito de verificar a noção de segurança que crianças nesta faixa etária têm durante a navegação na rede mundial de computadores.

Na terceira, os questionários foram aplicados aleatoriamente em uma amostra de 20 pais/responsáveis e 20 crianças, todos brasileiros e voluntários. Na quarta, foi feita a tabulação das respostas dos questionários, garantindo que estas respostas estivessem coerentes e íntegras.

Na quinta etapa, os dados coletados foram analisados e comparados com a bibliografia pesquisada, verificando o nível de consciência que crianças e pais/responsáveis têm sobre segurança durante a navegação na Internet, principalmente no que se refere à prevenção do aliciamento por pedófilos.

3 CRIANÇAS NA INTERNET

O termo *nativos digitais* é usado por Bretan (2012) para referir-se a crianças e adolescentes que têm acesso à tecnologia desde bebês. A tendência é que as crianças se relacionem cada vez mais, de forma natural com as tecnologias e a Internet far-se-á presente na vida e nas relações sociais desta nova geração.

Sanderson (2005) parece concordar com Bretan (2012) ao afirmar que a Internet oferece às crianças oportunidades educacionais, acesso a muitas informações e diversão, mas também desempenha um papel central em relação ao abuso sexual.

Segundo Bretan (2012), as pesquisas indicam que, devido a uma série de razões, os nativos digitais correm menor risco de serem aliciados por meio da Internet. Embora as crianças precocemente tenham

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

acesso às tecnologias, a autora considera que crianças provenientes de classes sociais mais baixas estão mais expostas a riscos provenientes da Internet.

A autora utiliza alguns argumentos para justificar estes dados e um deles é que a utilização da tecnologia está crescendo entre crianças e adolescentes brasileiros, sendo que grande parcela desses novos usuários é de classes sociais baixas. Para Bretan (2012), isto significa que muitas dessas crianças fazem uso da tecnologia com pouca informação a respeito dos riscos que a Internet apresenta, têm pouco conhecimento para prevenir estes riscos e saber como reagir diante de uma situação que lhes causem medo, ou até mesmo não sabem a quem solicitar ajuda, caso seja necessário.

Crianças de todas as classes sociais estão expostas a riscos devido ao uso excessivo de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Os riscos incluem desde problemas oftalmológicos até problemas de depressão e isolamento social. No entanto, as crianças mais pobres e que fazem menos uso da tecnologia estão mais expostas a riscos que a autora chama de violência sexual mediada pela TIC, que inclui o *“aliciamento para fins de abuso, exploração sexual e tráfico internacional de seres humanos e o abuso sexual on-line”*. (BRETAN, 2012, p. 6).

Devido à condição peculiar de desenvolvimento da criança, ela torna-se mais vulnerável por não ter a capacidade de identificar riscos ao utilizar a Internet ou, caso identifique, pode subestimar sua intensidade ou superestimar a própria capacidade de evitar possíveis consequências de comportamento de risco.

O governo brasileiro investiu, nos últimos anos, em políticas nacionais de inclusão digital, mas não investiu o necessário em políticas de prevenção, com o objetivo de educar crianças para a prática segura do uso da Internet.

4 PERFIL DO ENGENHEIRO SOCIAL

Segundo Mitnick (2003 *apud* Cavalcanti 2011, p. 11) o engenheiro social é uma pessoa que manipula a confiança de alguém, para obter informações particulares. Com informações, muitas vezes consideradas irrelevantes para a vítima, é possível prejudicá-la empresarialmente, socialmente, financeiramente ou psicologicamente.

Conforme Mitnick (2003), grande parte dos engenheiros sociais bem-sucedidos tem habilidade para lidar com as pessoas. Eles costumam ser charmosos, educados e facilmente agradam aos outros. Estas características garantem acesso a qualquer informação que o engenheiro social necessita. Cavalcanti (2011) enfatiza que o ser humano tem a necessidade de socializar-se, e o engenheiro social aproveita-se disso para cometer algum crime.

Os métodos variam de um criminoso para outro, mas todos são baseados no lado psicológico da vítima. Todos os métodos utilizados pelos engenheiros sociais têm como principal objetivo garantir a confiança da vítima, assim ela é capaz de revelar uma informação confidencial necessária para dar continuidade ao plano criminoso. Dessa forma, é possível obter a informação sem precisar lidar com o sistema de segurança em si.

Se muitos adultos são vítimas da engenharia social, técnicas parecidas podem ser utilizadas com maior facilidade por pedófilos, quando o intuito é aliciar crianças.

5 PERFIL DO PEDÓFILO

Para proteger as crianças é fundamental conhecer como é a pessoa que abusa sexualmente delas, em especial, o que a motiva, que tipo de criança corre este risco, como os pedófilos escolhem a criança, como a aliciam para aceitar o abuso e que estratégias utilizam para impedir que ela revele o abuso para outras pessoas.

De acordo com Sanderson (2005), o conhecimento sobre pedófilos é limitado, já que somente 10% dos casos são denunciados e chegam ao conhecimento do sistema de justiça criminal. Sabe-se que os pedófilos, na sua grande maioria, são conhecidos da família e da criança e costumam parecer pessoas confiáveis. Justamente por isso, representam um perigo muito maior para as crianças.

O fato de pedófilos parecerem pessoas comuns, comportando-se normalmente, cria um laço de confiança em adultos e de segurança nas crianças, dificultando a identificação. Abusadores sexuais precisam ter acesso à criança, portanto, se parecerem estranhos ou suspeitos, é mais difícil encontrar uma vítima.

O pedófilo, segundo Sanderson (2005), pode ser homem ou mulher, adulto, adolescente ou criança mais velha. Pode ser um dos pais, parente, vizinho, amigo da família, professor, médico, padre, pastor, entre outros. Em muitos aspectos, são pessoas comuns e, muitas vezes, respeitadas na comunidade.

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

Muitos pedófilos agem sozinhos, mas alguns buscam pessoas que também têm interesse sexual por crianças. Pode ser amizades informais, até círculos de sexo organizados (neste caso, conhecido como abuso sexual organizado). Muitas vezes, os contatos são feitos no ciberespaço, pela Internet. Em alguns casos, os pedófilos se envolvem em grupos de sexo e trocam crianças para fins sexuais, filmagem, produção e distribuição de pornografia infantil. Isso tudo pode levar ao tráfico internacional de crianças.

De acordo com Finkelhor (1984 *apud* Sanderson 2005, p. 65-66) há quatro precondições que devem estar presentes antes da ocorrência do abuso sexual contra crianças.

1. Motivação: é preciso ter alguma motivação para abusar sexualmente de uma criança. Essa motivação pode vir de qualquer um dos seguintes fatores ou da mistura entre eles: 1) o abusador quer satisfazer uma necessidade emocional, a princípio representado por poder ou por raiva, não necessariamente sexual; 2) o abusador fica excitado sexualmente com crianças e/ou com sexo não-consensual; 3) o abusador de alguma forma tem um bloqueio para se relacionar com adultos.

2. Inibições internas: para abusar sexualmente de uma criança, o abusador potencial precisa superar suas inibições internas. Não importa se o interesse sexual por crianças é intenso, se o abusador é inibido por tabus, não abusará de crianças. O uso de álcool ou de drogas também pode agir como fator desinibidor. Vale ressaltar que o abuso de alguma substância psicoativa não leva à prática do abuso sexual contra criança, apenas atua como desinibidor para facilitar o ato.

3. Inibições externas: o abusador potencial precisa superar suas inibições externas antes de conseguir abusar sexualmente de uma criança. Esta precondição considera que o ambiente externo pode criar oportunidade para o abuso sexual ou impedir que ele aconteça. Isso inclui a família, os vizinhos, os colegas e as proibições da sociedade.

4. Resistência: é preciso superar uma possível resistência de a criança ser abusada sexualmente. Muitos pedófilos escolhem, de maneira intuitiva, crianças mais vulneráveis, que são tímidas, parecem solitárias e infelizes. Muitas são forçadas ou coagidas e nesse caso, a capacidade de superar a resistência da criança não tem a ver com o relacionamento com o abusador ou com ela própria, mas é resultado de força, ameaça ou violência.

Segundo Sanderson (2005), os pesquisadores diferenciam os pedófilos em duas categorias: pedófilos predadores² e pedófilos não-predadores.

Os pedófilos predadores são menos comuns do que os não-predadores e costumam raptar crianças para abusar sexualmente delas; estupram demonstrando sentimento de hostilidade e raiva; em nenhum momento tentam obter consentimento da criança; o abuso sexual geralmente é agressivo e sádico e o agressor ignora o sofrimento da criança.

Quanto aos pedófilos não-predadores, muitos deles são conhecidos pelas crianças abusadas por eles e pelos adultos da comunidade. Estes acreditam que as crianças, incluindo os bebês, consentem os atos sexuais; acreditam que as crianças gostam e desejam ter relações sexuais; não acreditam que seus atos são agressivos e predatórios; usam poder e controle para formar relacionamentos com as crianças; criam uma situação em que a criança não consegue se desvencilhar; e compreendem como um consentimento, a incapacidade da criança de dizer não e se calar diante do abuso.

Os pedófilos não-predadores são divididos em regressivos³ e compulsivos⁴. Os pedófilos regressivos sentem-se atraídos sexualmente por adultos e frequentemente têm uma relação estável com uma mulher. No entanto, em condições de estresse, pode abusar sexualmente de uma criança de maneira impulsiva ou para expressar raiva ou hostilidade.

Os pedófilos compulsivos são os tipos mais comum e a atenção deles é voltada para crianças. A principal característica é um comportamento previsível em relação a crianças, seguindo sempre os mesmos padrões de comportamento para se aproximar delas. Muitas vezes têm dificuldade para se relacionar com colegas adultos, pois se sentem à vontade somente quando estão com crianças. Podem ser bastante sedutores para envolver a criança em uma “amizade especial”. Comumente abusam de uma grande quantidade de crianças, utilizam material erótico e pornográfico para fantasiar e masturbar-se. Seus amigos podem ser pedófilos também, com quem trocam informações, fotos e até crianças. Intuitivamente, tendem a selecionar crianças vulneráveis, que sejam física e emocionalmente negligenciadas⁵. Geralmente, têm preferência por crianças de uma determinada faixa etária. Parecem muito “normais”, raramente são olhados de maneira suspeita e são vistos como pessoas gentis com as crianças.

Quando se fala de pedófilos, imagina-se sempre a figura de um homem, mas mulheres também abusam de crianças, embora ainda haja um estereótipo criado em relação à sexualidade feminina e à idealização das mulheres como cuidadoras. As mulheres, em geral, são vistas como as receptoras passivas nos encontros sexuais e não como agressoras. Diante de uma violência sexual praticada por mulheres, as pessoas frequentemente reagem com horror e tendem a não acreditar no ocorrido, o que dificulta a

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

identificação do abuso. No entanto, Sanderson (2005) afirma que as mulheres representam de 20% a 25% dos casos de abuso sexual.

6 PERFIL DA VÍTIMA DE PEDOFILIA

Segundo Sanderson (2005), os pedófilos geralmente não escolhem a criança ao acaso. Eles têm habilidades para identificar as que são mais vulneráveis, ou seja, tendem a escolher crianças que não têm amigos e que não demonstram resistir à sua aproximação. Crianças com esse perfil dificilmente confrontam o abusador e muitas vezes, sentem-se “especiais” por se distinguirem de outras crianças e ganharem a atenção de um adulto. Essas crianças não costumam resistir a um relacionamento sexual, nem a revelar o abuso porque houve um investimento na amizade.

A autora ainda informa que grande parte dos pedófilos gosta de crianças inocentes, com aparência vulnerável e que se encaixe na noção que eles têm de infância. Isso significa que crianças que se vestem de maneira provocante ou que usam maquiagem, por exemplo, não satisfazem necessariamente os desejos do pedófilo. Observando a pornografia infantil, é possível notar que os pedófilos têm se interessado cada vez mais por crianças menores, já que crianças de 7 ou 8 anos têm se vestido de maneira mais sensual.

Crianças de ambos os sexos são vítimas de abuso sexual, porém, de acordo com Sanderson (2005), há uma estimativa de que 73% seja do sexo feminino e 27% do sexo masculino. Mas este número pode não representar a realidade, pois reflete o número de denúncias. Homens geralmente são mais resistentes para revelar um abuso sofrido.

Crianças de qualquer idade podem ser abusadas sexualmente, desde as primeiras semanas de vida até 18 anos. Acredita-se que a faixa etária de maior risco está entre 5 e 12 anos, porém, crianças cada vez mais novas têm sido vistas em imagens ou vídeos de pornografia infantil.

De acordo com Sanderson (2005), algumas características revelam a vulnerabilidade da criança para o aliciamento: aparência vulnerável; timidez; parecem mais novas do que são na realidade; confiam demais nas outras pessoas; buscam amor e afeição; são solitárias e isoladas; carecem de confiança; foram amedrontadas; são incapazes de se comunicar bem; estão sendo cuidadas por outro ou longe de casa; podem já ter sido vítimas de abuso; estão ansiosas para serem bem-sucedidas em atividades como o esporte, o desempenho escolar ou outros interesses.

As pesquisas demonstram que a maior parte das crianças vítimas de abuso sexual têm estas características, o que não significa que crianças sem estas características estão totalmente imunes à violência.

7 PEDOFILIA E INTERNET

A pedofilia na Internet pode ter pelo menos duas faces: a pornografia infantil, feita através de imagens e/ou vídeos; e o aliciamento de crianças com o objetivo de abusar sexualmente delas na vida real, seja por um único pedófilo ou por vários, como no caso de exploração sexual comercial ou turismo sexual, ou até mesmo para a produção de pornografia infantil.

De acordo com Martins e colaboradores (2007), a pedofilia pode ser praticada por uma pessoa, isto é, ser um ato individual, mas também pode ser praticada por diversas redes organizadas que fazem dela um comércio na Internet. Essas organizações criminosas têm como objetivo lucrar com a produção do material pornográfico que envolve crianças em cenas de abuso sexual. Esse material está disponível na Internet, no entanto, a entrada aos sites é restrita, sendo necessária a utilização de inúmeros códigos de acesso para o ingresso na rede, o que dificulta as investigações policiais e a captura dos pedófilos virtuais.

Este trabalho aborda mais detalhadamente o aliciamento de crianças, portanto, a questão da pornografia infantil não terá a atenção que merece, uma vez que o problema é complexo e grave. De qualquer forma, entende-se que, para produzir-se material pornográfico com crianças, é necessário que estas sejam primeiramente aliciadas e isso pode ocorrer por meio da Internet, além do mais, muitos pedófilos utilizam-se de material pornográfico, adulto ou infantil, como estratégia para aliciar crianças.

De acordo com Sanderson (2005), o aliciamento de crianças para propósito sexual é a maneira como abusadores sexuais selecionam e preparam suas vítimas para futuros encontros sexuais. É um processo sutil e detalhado, além de muito sedutor. Devido à sutileza, geralmente essa técnica não é detectada, permitindo que o pedófilo abuse de um grande número de crianças sem ser descoberto. No início pode não haver contato físico ou sexual, mas o pedófilo seduz a criança com a intenção de contato sexual em algum momento.

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

Para ser possível a elaboração de um programa de prevenção eficaz contra o aliciamento de crianças pela Internet, faz-se necessário conhecer, da forma mais detalhada possível, como o pedófilo seleciona suas vítimas e inicia a abordagem utilizando recursos tecnológicos para esse fim. Alguns autores estudaram detalhadamente a atuação do pedófilo, o que torna possível compreender seus métodos, embora, tratando-se de ser humano, não é possível ter a certeza do seu comportamento.

Sanderson (2005) afirma que o pedófilo que utiliza a Internet para aliciamento sexual de crianças inicia o processo utilizando *web sites* que reúnem características específicas das crianças como idade, sexo e aparência. Dessa forma, o pedófilo garante que a vítima tenha o perfil de acordo com sua predileção. A princípio, o pedófilo torna-se amigo virtual da criança, para posteriormente, abusar sexualmente dela fora da Internet.

De acordo com Sanderson (2005), é comum pedófilos abordarem crianças de outros países, para evitar a detecção e/ou perseguição, devido às variadas legislações de diferentes países. Muitos pedófilos do Reino Unido utilizam computadores em bibliotecas públicas para iniciar atividades sexuais *online* e ter acesso à pornografia infantil, com o intuito de minimizar a monitoração e a detecção de suas atividades.

Pedófilos utilizam alguns recursos de comunicação disponíveis na Internet para contactar e se relacionar com vítimas ou outros pedófilos. De acordo com Martins e colaboradores (2007), esta comunicação é feita utilizando redes sociais e *web sites* especializados em pornografia infantil. A rede de relacionamento *Orkut* possui mais de mil comunidades que apoiam a pedofilia, estimulando a troca de material pornográfico que envolve crianças e pré-adolescentes. Além disso, também há diversos *web sites* dedicados à pornografia infantil, que têm como objetivo distribuir, trocar e vender fotos e vídeos contendo imagens de crianças.

De acordo com O'Connel (2003 *apud* Sanderson 2005, p.132-133), há dois tipos de pedófilos que atuam na Internet: o ciberestuprador, que é predatório na sua intenção e o aliciador disfarçado, que atua de maneira sutil, seduzindo e aliciando crianças para a atividade sexual. Ambos são pedófilos, mas atuam de maneira diferenciada.

O Ciberestuprador tem como objetivo principal convencer a criança a participar de uma atividade sexual *online*, usando para isso controle e violência. Não perde muito tempo conhecendo a criança, mas usa uma oportunidade para atraí-la o mais rápido possível. Raramente aborda a mesma criança duas vezes, o que dificulta ainda mais sua detecção.

Segundo Sanderson (2005), o aliciamento sexual disfarçado é a forma como a maioria dos pedófilos aborda crianças em *sites* de relacionamento. Gastam um tempo relativamente longo para selecionar, abordar e envolver a criança. Aos poucos, constroem uma amizade com a criança, conquistando sua confiança e dando-lhe a ilusão de que o relacionamento é recíproco, o que torna mais fácil manipulá-la e seduzi-la para o futuro contato sexual. O pedófilo atua em uma série de estágios para completar o aliciamento sexual, mas antes de iniciar estes estágios é necessário selecionar a vítima.

A seleção da vítima geralmente é feita através de salas de bate-papo da Internet, principalmente as que exigem o "perfil pessoal" dos frequentadores. Dessa forma, o pedófilo tem acesso a dados como nome real da criança, idade, endereço, passatempos e interesses, incluindo fotografia. Com estes dados, é possível para o pedófilo avaliar se a criança satisfaz suas preferências em relação à idade, sexo, aparência e proximidade geográfica.

O pedófilo também tem um perfil na rede, porém, este é falso e camuflado. Geralmente usa o disfarce de uma criança e seu perfil contém a idade, gênero, passatempos e interesses para atrair uma criança que tenha um perfil equivalente a esse.

Depois de criado esse perfil falso, o pedófilo aguarda pela resposta da criança selecionada. Uma vez que esta resposta é dada, é iniciado um procedimento de verificação para perceber se a criança é maleável e qual a chance de prosseguir no aliciamento.

Para não denunciarem o disfarce, Sanderson (2005) afirma que o pedófilo costuma tomar alguns cuidados como falar e cometer erros de linguagem, além de usar gírias e linguagem próprias dessa faixa etária. Para garantir que não está sendo vítima de uma armadilha planejada para capturá-lo, o pedófilo comumente invade o computador da criança para ter certeza de que tudo que ela possui no disco rígido de seu computador é compatível com sua idade. A busca é por arquivos de música, *e-mails* ou informações sobre escola e casa.

Após verificar as informações da vítima, o pedófilo inicia a conversa *online*, preferencialmente em salas reservadas, quando é o caso de salas de papo-bato.

A maioria dos pedófilos finge ser criança, mas alguns se mostram como adultos, embora mais jovens do que realmente são, e atuam como conselheiros para a criança.

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

Os estudos de O'Connell (2003) demonstram que há um padrão consistente na maneira como os pedófilos abordam crianças em salas de bate-papo, e dividiu em cinco estágios diferentes, embora não sejam necessariamente sequenciais.

1. Estágio de formação da amizade: o tempo gasto neste estágio varia, dependendo do nível de contato. O pedófilo bajula e encoraja a criança a conversar de maneira reservada, com o objetivo de isolá-la. O pedófilo conhece a criança, estabelece um contato para observar as respostas da vítima e solicita uma fotografia não sexual para conferir se ela preenche suas preferências, além de identificá-la no mundo real.

2. Estágio de formação do relacionamento: o pedófilo inicia um relacionamento com a criança, fazendo com que ela revele mais sobre ela própria, como escola e a vida em casa, cria a ilusão de ser o "melhor amigo" da criança e intercala o contato *online* com situações para avaliar os riscos.

3. Estágio de avaliação de risco: o pedófilo une informações que lhe permitam verificar o grau de risco de ser detectado. Faz perguntas específicas à criança, como o local em que o computador está localizado, quais pessoas acessam o computador e como é o relacionamento com os pais, responsáveis, irmãos e amigos, avaliando assim, a probabilidade de ser descoberto.

4. Estágio de exclusividade – amor e confiança mútuos: o pedófilo constrói uma relação de amor e confiança com a criança. O abusador lembra a criança que eles são "melhores amigos" e que ela pode lhe contar tudo. Começa a construir uma relação de respeito mútuo, para garantir que a criança mantenha suas atividades "em segredo". Dessa maneira, o pedófilo concentra-se na relação íntima e prepara a criança para o estágio seguinte.

5. Estágio sexual: aumenta a intimidade e o pedófilo começa a mostrar para a criança material sexual, facilitando a representação da sua fantasia. O agressor começa a fazer perguntas diretas, como "Você já foi beijado(a)?" ou "Alguma vez você tocou seu corpo?". A princípio, as perguntas são inocentes, mas as conversas tornam-se mais difíceis para a criança, por serem incomuns a elas. O pedófilo apresenta-se como conselheiro sexual, ajudando a criança a compreender sua própria sexualidade. Caso a criança se sinta desconfortável, o pedófilo desiste da pressão e demonstra arrependimento. Quando a criança perdoa o agressor, a mutualidade torna-se ainda mais profunda. Aos poucos e de forma sutil, o pedófilo começa a declarar suas intenções. Neste estágio, é comum enviar imagens pornográficas para a criança, afim de encorajá-la a praticar atividades sexuais de fantasia ou para reduzir a inibição. O agressor induz a criança a produzir auto-imagens pornográficas, usando uma câmera digital ou *web cam* e enviar para ele. Neste momento, a criança passa a ser produtora e distribuidora de pornografia infantil. Ensina a criança a se masturbar e discute técnicas de como levar o adulto ao orgasmo se eles se encontrarem. Pode progredir para um encontro pessoal e o contato sexual pode tornar-se real.

Os pedófilos demonstram grande interesse na criança, em suas atividades diárias e em suas preocupações, conquistando assim, a confiança da criança para que ela conte tudo sobre sua vida em casa e na escola. Dessa forma, o pedófilo descobre se há alguma dificuldade na família e verifica o tipo de relacionamento entre pais e crianças. Se há alguma dificuldade na relação e a criança não tem muita proximidade com os pais, isso facilita a tarefa do abusador. O pedófilo investiga que necessidades não estão sendo atendidas pelos pais, para então concentrar-se neste "vazio", aproximando-se da criança.

O objetivo principal da maior parte dos pedófilos é seduzir e aliciar a criança *online* para, posteriormente, marcar um encontro com ela e representar a fantasia sexual na vida real. Todo esse processo pode levar meses e até mesmo anos.

Depois de praticado o ato sexual real, o pedófilo pode manter contato sexual com a criança por mais algum tempo ou interromper o processo de aliciamento. Interromper o processo é mais provável se ele teme ser descoberto ou se a criança ultrapassa a idade de sua preferência. Muitas vezes, o pedófilo comercializa a criança ou corta todo o contato com ela ou ainda solicita que ela recrute amigos que possam também se envolver na atividade sexual.

O aliciamento sexual de crianças é um processo lento, portanto, se os pais e educadores ficarem atentos, podem perceber algo fora do comum e proteger a criança, antes que ela seja abusada sexualmente.

8 SEGURANÇA DAS CRIANÇAS NA INTERNET

Segundo Mitnick (2003), a utilização de produtos de segurança padrão, como *firewalls*, sistemas de detecção de intrusos (equivalente eletrônico dos alarmes contra arrombamento), dispositivos avançados de autenticação (para fornecer a identidade) ou controle de acesso (para gerenciar o acesso aos arquivos e recursos do sistema) não garantem nenhuma segurança se os usuários das tecnologias desconhecem as boas práticas.

Isso vale para qualquer tipo de informação, inclusive para informações particulares que muitas pessoas disponibilizam em redes sociais. A utilização de *softwares* especializados em segurança dá uma

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

“falsa” garantia de proteção, no entanto, são os próprios usuários da tecnologia que fornecem as informações que um *hacker*, engenheiro social ou pedófilo necessitam.

De acordo com Sanderson (2005), é necessário que pais/responsáveis tenham conhecimento sobre a tecnologia do computador, do celular e da Internet. Só assim, serão capazes de monitorar o acesso das crianças a esses recursos, protegendo-as de pessoas mal-intencionadas.

Para Cavalcanti (2011), o desafio de garantir a segurança das informações não está na tecnologia dos *sites*, mas sim no “fator humano”. Os problemas acontecem, principalmente, pela inexperiência com uma nova tecnologia ou pelo desejo de socializar-se.

De acordo com Sanderson (2005), grande parte das crianças com acesso à Internet tende a usar a tecnologia mais que os pais. Se os pais não sabem como navegar na rede, é importante que peçam para que a criança lhes ensine. Se os pais demonstram interesse pelo que o filho encontra na Internet, reduz as chances que outra pessoa demonstre esse interesse, por razões erradas.

Navegar na Internet na própria casa dá uma falsa sensação de segurança, tanto para os pais quanto para as crianças, porque aparentemente ela está fora de perigo.

A autora Sanderson (2005) baseia-se em um *site* britânico chamado “*ChatDanger*” para listar sete passos-chave que os pais devem seguir para que os filhos naveguem seguramente na Internet:

1. Reserve um tempo para aprender como a Internet funciona: o ideal é manter o computador em um cômodo da casa que seja comum a todos, não em um quarto onde a criança fica isolada. É importante passar um tempo com a criança e aprender a navegar, conhecendo assim, o funcionamento da Internet.

2. Discuta questões de segurança das salas de bate-papo⁶ com os filhos: é importante discutir com as crianças sobre os perigos potenciais que a Internet proporciona. Isto deve acontecer de uma maneira sensível, facilitando que a criança compreenda os perigos e saiba como evitá-los. Proibir acesso sem a criança compreender o porquê da proibição, não tem resultado muito positivo.

3. Assegure-se de que seus filhos saibam que não devem jamais revelar detalhes pessoais sobre eles em uma sala de bate-papo: a criança precisa ser lembrada de que uma pessoa numa sala de bate-papo é um estranho, mesmo que esta pessoa considere a criança uma amiga. As crianças não devem revelar nenhum detalhe pessoal, como escola ou família, endereço, número de telefone ou qualquer tipo de senha. Fornecer número de celular ou endereço de *e-mail* pode permitir que alguém acesse a criança diretamente, sem que ela ou os pais saibam quem a está contactando. O pedófilo pode se disfarçar e fingir ser a pessoa que querem ser. As crianças também não devem fornecer detalhes de cartões de crédito sem a permissão dos pais e nunca enviar fotos ou vídeos delas mesmas a estas pessoas.

4. Nunca permita que seus filhos encontrem alguém que contactaram pela Internet sem acompanhá-los: não se deve permitir que seu filho vá conhecer alguém que conheceu na Internet, sem a sua companhia. Há a possibilidade dos pais acompanharem a criança em possíveis encontros e de preferência em lugares públicos, onde haja muitas pessoas por perto.

5. Enfatize o positivo: busque tempo para encontrar os *sites* melhores e mais úteis junto com a criança.

6. Considere a possibilidade de usar filtros: existem no mercado programas de *software* que ajudam a bloquear *sites* aos quais não queiram que as crianças sejam expostas, como por exemplo, material sexualmente explícito, *sites* que expõem a violência, álcool, jogos, entre outros. Alguns *softwares* também ajudam pais a monitorar o tempo que a criança passa na frente do computador, assim como o material que ela consultou. Também é possível bloquear as informações que entram e que saem. Vale ressaltar que estes programas não são 100% eficazes e o envolvimento da família é fundamental.

7. Saber a quem relatar: a criança deve saber que, se for incomodada por alguém que ela supõe ser um adulto, pode solicitar ajuda tanto da família quanto de profissionais especializados. Há *sites* especializados na proteção da criança na Internet.

Pais devem aconselhar as crianças em relação a *links* para outros *sites*, já que estes podem ser pornográficos. As crianças também devem ser orientadas a não abrir *e-mails* de pessoas desconhecidas, pois podem conter vídeos ou imagens perturbadoras ou vírus capazes de danificar o computador. Os pais devem encorajar a criança a contar-lhes, caso encontrem alguma coisa *online* que os perturbe, garantindo-lhe a não punição por ter contado.

As salas de bate-papo são uma maneira muito interessante para manter contato com amigos e conhecer pessoas com interesses comuns. É importante orientar a criança que usar as salas de bate-papo pode ser perigoso, pois nunca se sabe quem é de fato a outra pessoa com quem está conversando, havendo o risco de pedófilos usarem as salas para procurar crianças.

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi aplicado via *online* em 20 crianças usuárias da Internet, com idades entre 8 e 11 anos e 20 pais/responsáveis por estas crianças.

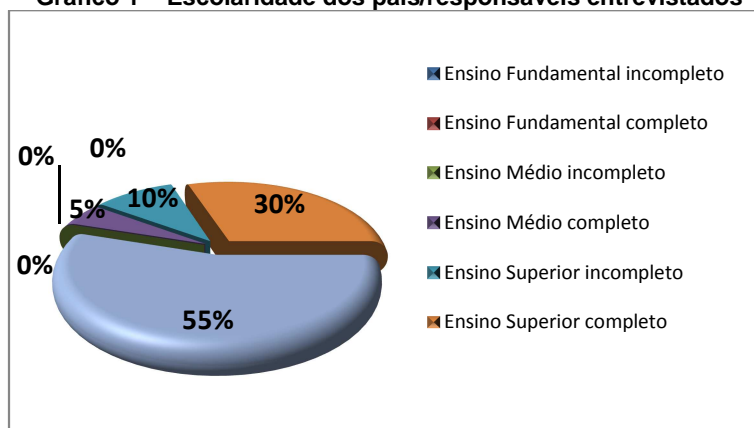
O questionário foi respondido tanto por meninos quanto meninas, sendo que 70% das crianças são do gênero masculino e 30% do gênero feminino; 90% estudam em escola particular e 10% em escola pública; 55% das crianças entrevistadas utilizam a Internet diariamente, 25% utilizam de 2 a 3 vezes por semana e 20% utilizam uma vez por semana ou menos.

Os convites feitos aos voluntários foram aleatórios, mas a população que aceitou participar da pesquisa tem algumas características que não correspondem com a maioria da população brasileira, como o nível de escolaridade dos pais/responsáveis, a frequência com que eles utilizam a Internet e o conhecimento que têm sobre o uso desta tecnologia.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não tem dados sobre o uso que a população faz da Internet que sejam compatíveis com os dados desta pesquisa. No entanto, a pesquisa realizada em 2011 pelo IBGE demonstra que 9,62% da população brasileira têm 15 anos ou mais de estudo.

O gráfico 1 permite visualizar que dos pais/responsáveis entrevistados, 55% têm pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado), 30% têm o Ensino Superior completo, 10% têm o Ensino Superior incompleto e 5% têm o Ensino Médio completo.

Gráfico 1 – Escolaridade dos pais/responsáveis entrevistados

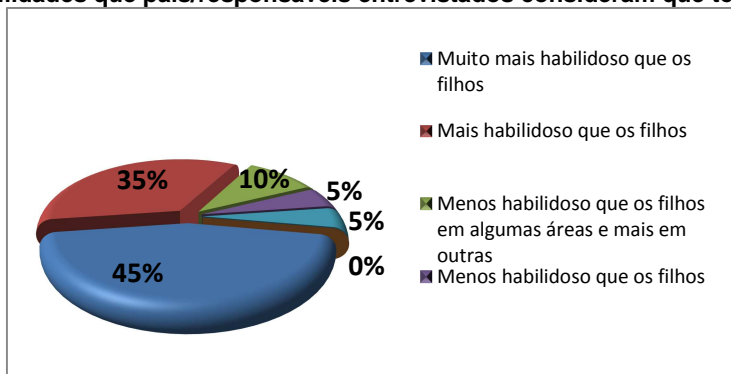


Fonte: autoria própria

Os dados do IBGE mostram que menos de 10% da população brasileira tem ensino superior ou pós-graduação, portanto, os pais/responsáveis entrevistados fazem parte uma pequena parcela, não representando a maioria dos brasileiros.

O gráfico 2 mostra que na opinião de 45% dos pais/responsáveis entrevistados, eles têm muito mais habilidades ao utilizar a Internet que seus filhos, 35% consideram-se mais habilidosos que os filhos, 10% menos habilidosos que os filhos em algumas áreas e mais em outras, 5% consideram-se menos habilidosos que os filhos e 5% consideram-se muito menos habilidosos que os filhos.

Gráfico 2 – Habilidades que pais/responsáveis entrevistados consideram que têm com a Internet



Fonte: autoria própria

O fato de os pais/responsáveis terem maior nível de escolaridade e, principalmente, conhecerem e utilizarem frequentemente a Internet pode facilitar um diálogo com seus filhos, além de possibilitar melhor orientação sobre o uso seguro desta tecnologia.

Na sessão 7, há um estudo sobre algumas formas de garantir maior segurança das crianças enquanto elas navegam pela Internet. Sanderson (2005) cita sete passos-chave que os pais devem seguir para garantir a segurança dos filhos durante navegação na Internet (baseados no *site* britânico "ChatDanger"). Esses sete passos serviram de categorias para a organização e discussão dos resultados desta pesquisa.

9.1 Compreensão do funcionamento da Internet

O primeiro dos sete passos-chave que Sanderson (2005) menciona é sobre "*reservar um tempo para aprender como a Internet funciona*". Tem o intuito de orientar os pais sobre a importância de saberem utilizar a Internet, para que seus filhos sejam instruídos sobre formas de se protegerem dos riscos que esta tecnologia oferece.

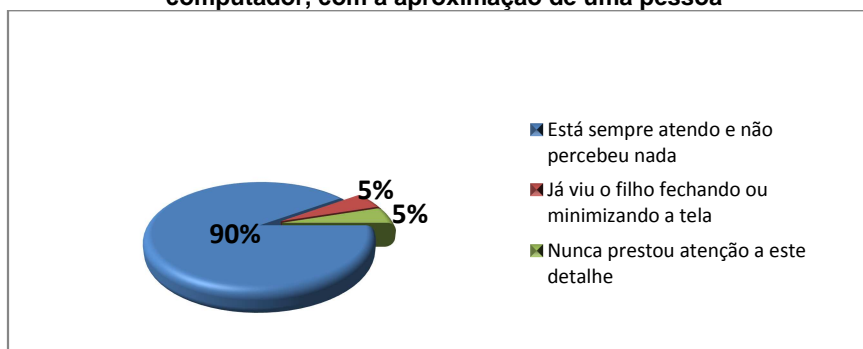
Como é possível observar no gráfico 2, a maioria da população entrevistada tem habilidades para navegar na Internet, portanto, há maior probabilidade de saber o que a criança está fazendo quando está *online*, além de conhecer pelo menos um pouco, o funcionamento da rede mundial de computadores.

Das crianças entrevistadas, 100% acessam a Internet com maior frequência em um computador localizado num cômodo da casa, onde toda a família circula.

Esse comportamento da criança facilita para os pais/responsáveis saberem em que *sites* os filhos navegam e como o fazem. Também há maior possibilidade dos pais ficarem atentos às atitudes da criança, como minimizar ou fechar a tela do computador, quando há a aproximação de uma pessoa.

O gráfico 3 aponta que dos pais/responsáveis entrevistados, 90% nunca perceberam nada, mas estão sempre atentos quando a criança minimiza a tela do computador com a aproximação de uma pessoa, 5% já viram o filho fechando ou minimizando a tela e 5% nunca prestaram atenção a este detalhe.

Gráfico 3 – Percepção de pais/responsáveis entrevistados quando a criança minimiza ou fecha a tela do computador, com a aproximação de uma pessoa



Fonte: autoria própria

Quando a criança minimiza a tela do computador ou fecha uma página que está acessando sempre que alguém se aproxima, pode indicar que está navegando em um *site* proibido pelos pais ou conversando com alguém não autorizado. A atenção dos pais em relação a este comportamento pode garantir maior proteção.

8.2. Discussão das questões de segurança

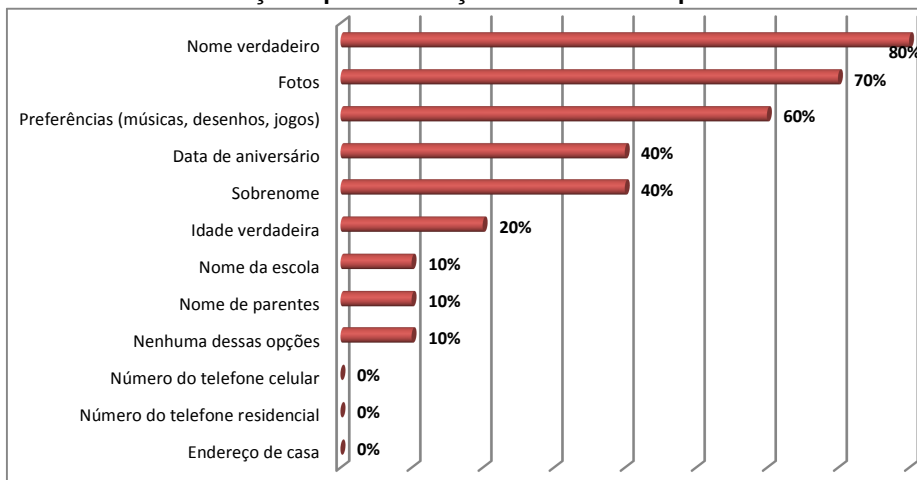
O segundo dos sete passos-chave a que Sanderson (2005) refere-se é sobre "*discutir questões de segurança das salas de bate-papo com os filhos*". Salas de bate-papo não estão em evidência nos tempos atuais, considerando que esta bibliografia é de 2005 e a tecnologia modificou-se rapidamente. No entanto, hoje as crianças têm usado muito as redes sociais (Facebook, Orkut, Flickr, Foursquare, Twitter, MySpace, entre outros.), que na maioria das vezes possuem ferramentas de bate-papo. Considerando que muitas pessoas expõem informações pessoais nestas redes sociais, torna-se fácil para alguém mal-intencionado selecionar suas vítimas.

O gráfico 4 mostra que as crianças entrevistadas costumam compartilhar diversas informações pessoais na Internet, sendo que 80% delas compartilham o nome verdadeiro, 70% compartilham fotos, 60% compartilham suas preferências, como música, desenhos, jogos, 40% compartilham a data de aniversário,

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

40% compartilham o sobrenome, 20% a idade verdadeira, 10% o nome da escola, 10% o nome de parentes e 10% das crianças não compartilham nenhuma dessas opções.

Gráfico 4 – Informações que as crianças costumam compartilhar na Internet



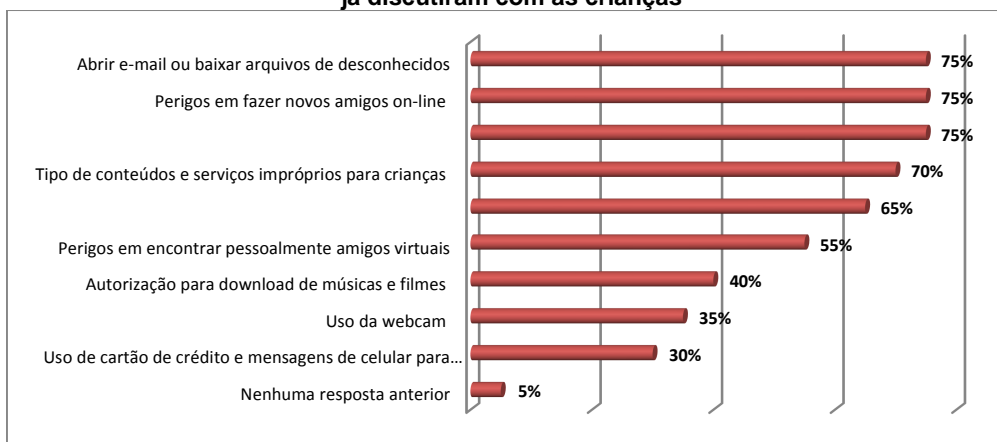
Fonte: autoria própria

Talvez não seja possível impedir que as crianças compartilhem dados pessoais, principalmente em redes sociais, mas é fundamental para a segurança, que os pais/responsáveis as orientem sobre quais dados podem ser compartilhados e de que maneira. Devido a isso, Sanderson (2005) enfatiza a necessidade da família em passar um tempo com a criança para conhecer o funcionamento da Internet. Se os pais sabem como esta tecnologia funciona, terão mais argumentos para dialogar com as crianças.

Quando a criança expõe na Internet dados pessoais como nome e sobrenome verdadeiros, nome da escola, entre outros, facilita sua identificação por pessoas mal-intencionadas. Sabe-se também que muitos pedófilos buscam por crianças com características específicas e por meio de fotos em redes sociais, facilmente encontram as vítimas que satisfaçam suas preferências.

O gráfico 5 mostra que as famílias entrevistadas costumam conversar com as crianças sobre assuntos que envolvem a segurança na rede. Dos temas sobre segurança na Internet que pais/responsáveis conversaram com suas crianças, 75% foi sobre abrir e-mail ou baixar arquivos de desconhecidos, 75% sobre perigos em fazer novos amigos *on-line*, 75% conversaram sobre privacidade e compartilhamento de informações pessoais na Internet, 70% sobre tipo de conteúdos e serviços impróprios para crianças, 65% sobre adultos mal intencionados que se passam por crianças para fazer amizade *on-line*, 55% sobre perigos em encontrar pessoalmente amigos virtuais, 40% sobre autorização para download de músicas e filmes, 35% conversaram sobre o uso da *webcam*, 30% sobre o uso de cartão de crédito e mensagens de celular para pagar serviços *on-line* e 5% nunca conversou sobre os temas citados anteriormente.

Gráfico 5 – Temas sobre segurança na Internet, que pais/responsáveis entrevistados já discutiram com as crianças



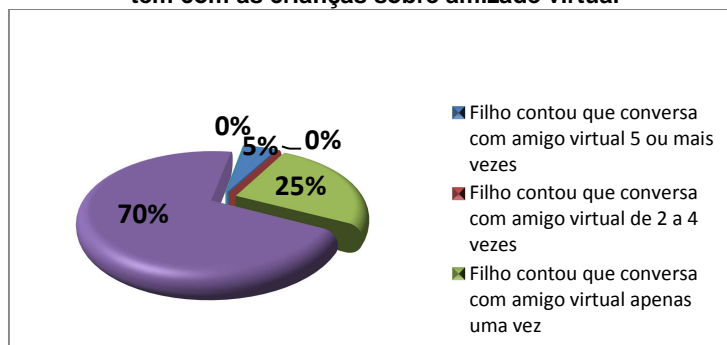
Fonte: autoria própria

Os pais/responsáveis precisam manter diálogos com seus filhos sobre diversos assuntos relacionados à segurança na Internet, podendo, assim, orientá-los e contribuir com a diminuição dos riscos.

Outros assuntos devem ser enfatizados com as crianças, afim de protegê-las principalmente de pessoas mal-intencionadas, incluindo pedófilos que agem na Internet. Assuntos como amizades virtuais e encontros reais com amigos virtuais também devem ser enfatizados.

O gráfico 6 mostra que, segundo pais/responsáveis entrevistados, 70% dos filhos nunca contaram sobre conversa com amigo virtual, 25% dos filhos contaram apenas uma vez que conversaram com amigo virtual e 5% não se lembram.

Gráfico 6 – Frequência de conversas que os pais/responsáveis entrevistados têm com as crianças sobre amizade virtual



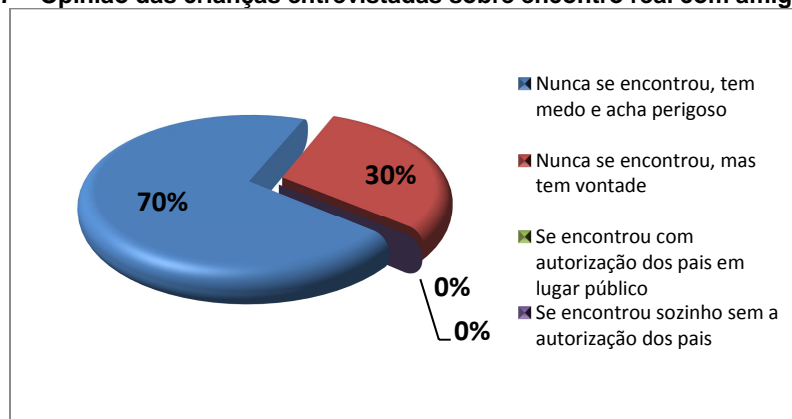
Fonte: autoria própria

Pode-se observar que a maioria das crianças não costuma relatar aos seus responsáveis conversas que tem com amigos virtuais, porém não é possível, através dos gráficos 6, concluir que as crianças de fato não têm estes contatos.

Quando a pergunta é feita diretamente às crianças, nota-se que 80% delas não têm amigos virtuais e 20% têm. Ao comparar estes dados com os dados do gráfico 6, conclui-se que os pais devem compreender melhor as relações virtuais dos seus filhos, pois um número considerável de crianças têm amigos virtuais e não conversam sobre o assunto com os responsáveis ou conversaram somente uma vez.

Quando as crianças foram questionadas sobre encontros reais com amigos virtuais, nenhuma relata que teve esta experiência, porém os motivos são diferentes, como é possível verificar no gráfico 7. Das crianças entrevistadas, 70% relataram que nunca encontraram um amigo virtual porque têm medo e consideram perigoso e 30% tiveram vontade, mas não o fizeram.

Gráfico 7 – Opinião das crianças entrevistadas sobre encontro real com amigos virtuais



Fonte: autoria própria

As crianças entrevistadas demonstram consciência de que há riscos ao encontrar-se com uma pessoa com quem conversa somente pela Internet. Nenhuma se encontrou com amigo virtual, a maioria por medo e outras tiveram vontade, mas por algum motivo desconhecido desta pesquisa, não o fizeram.

Quando Sanderson (2005) fala sobre a necessidade de conversar com crianças sobre a segurança

nas salas de bate-papo, deve-se ampliar para *sites* diversos que contém *chat*. As conversas devem envolver os riscos das amizades virtuais, possíveis encontros com pessoas desconhecidas da família, perfis falsos que podem ser criados por qualquer pessoa, entre outros.

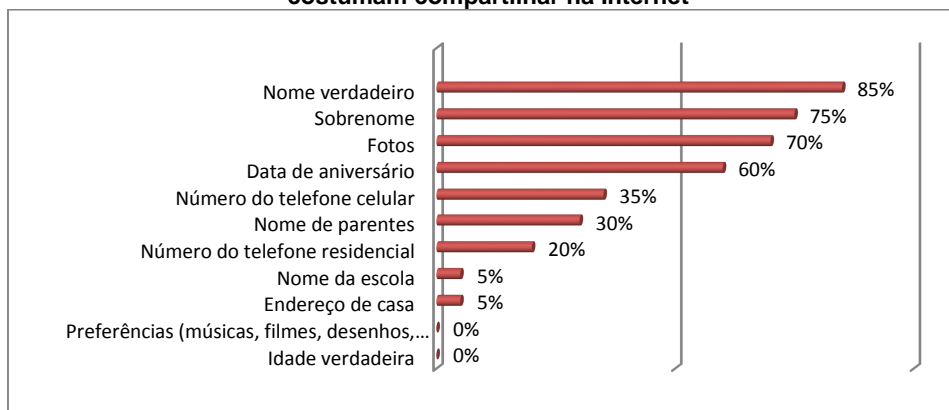
9.3 Não revelação de detalhes pessoais

O terceiro passo mencionado por Sanderson (2005) é sobre “assegurar que os filhos saibam que não devem jamais revelar detalhes pessoais sobre eles em uma sala de bate-papo”.

Na pesquisa, fica evidente que as crianças têm consciência de que não devem compartilhar informações pessoais na Internet, embora a maioria o faça. Comparando os gráficos 4 e 8, é possível notar que as crianças são mais cautelosas que os próprios pais/responsáveis no que diz respeito às informações compartilhadas. O gráfico 4 mostra que das crianças entrevistadas, nenhuma compartilha número de telefone na Internet, já o gráfico 8 mostra que 20% dos pais compartilham o número do telefone residencial e 35% compartilham o número do telefone celular.

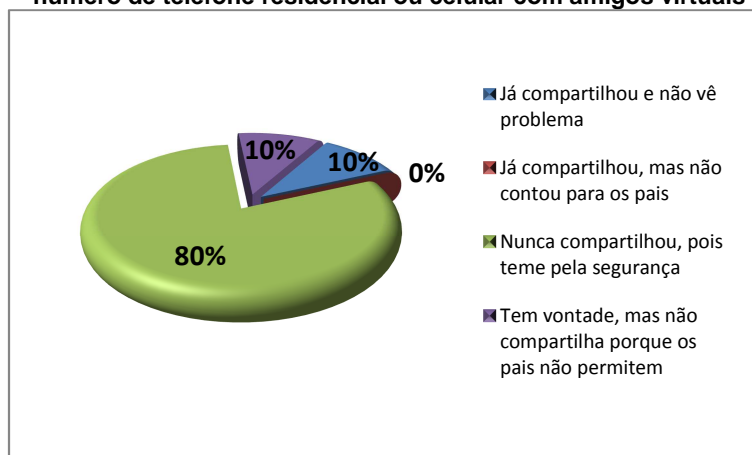
Porém, quando perguntado às crianças sobre compartilhamento de número de telefone com amigos virtuais, como se pode ver no gráfico 9, 80% afirmaram que nunca compartilharam, por temerem pela segurança e 10% não compartilharam porque os pais não permitem, mas 10% das crianças compartilharam e não perceberam problema nesta atitude.

Gráfico 8 – Informações que pais/responsáveis entrevistados costumam compartilhar na Internet



Fonte: autoria própria

Gráfico 9 – Opinião das crianças entrevistadas sobre compartilhar número de telefone residencial ou celular com amigos virtuais



Fonte: autoria própria

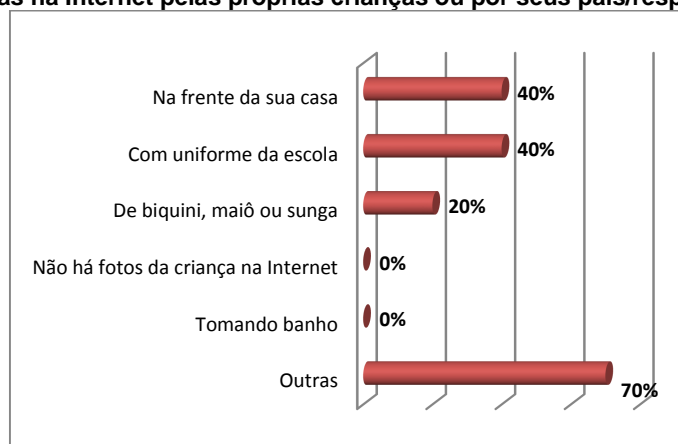
Nota-se que tanto as crianças quanto os pais têm consciência dos perigos em compartilhar alguns dados pessoais na Internet. No entanto, 55% dos pais/responsáveis compartilharam número de telefone (residencial ou celular). As crianças afirmaram que não compartilharam o número na Internet, mas quando a pergunta envolve o compartilhamento com amigos virtuais, 10% afirmaram que já compartilharam o número.

É possível que as crianças façam uma diferenciação entre postar em um *site* de relacionamento, por exemplo, e compartilhar o número com uma pessoa em especial, variando o resultado das pesquisas.

As fotos também são dados pessoais e, tanto adultos quanto crianças, as compartilham na Internet, como se pode verificar nos gráficos 4 e 8. Das crianças entrevistadas, 70% compartilham fotos na Internet, assim como 70% de pais/responsáveis também o fazem.

As crianças foram questionadas sobre os tipos de fotos suas que elas ou seus pais/responsáveis compartilham na rede. O gráfico 10 resulta de uma questão em que as crianças puderam escolher mais de uma opção. Segundo as crianças entrevistadas, elas mesmas ou seus pais/responsáveis postam fotos delas na Internet, sendo que 40% têm fotos na frente da sua casa, 40% têm fotos postadas com uniforme da escola, 20% estão usando biquíni, maiô ou sunga e 70% das crianças têm outros tipos de fotos postadas na Internet.

Gráfico 10 – Tipos de fotos das crianças entrevistadas postadas na Internet pelas próprias crianças ou por seus pais/responsáveis



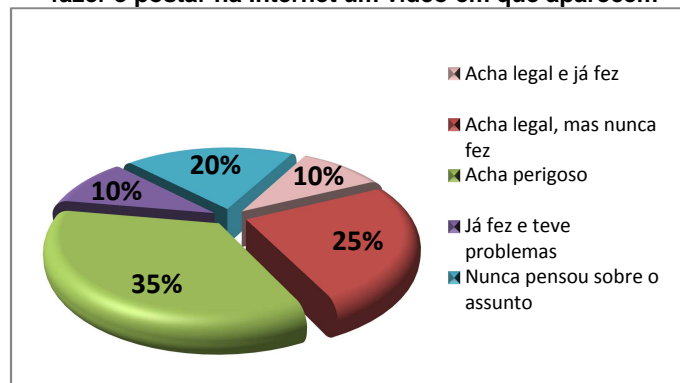
Fonte: autoria própria

Segundo as crianças entrevistadas, há na Internet fotos delas mesmas em situações que podem auxiliar uma pessoa mal-intencionada a identificar a residência ou escola dela, já que 40% das crianças têm fotos na frente da própria residência e 40% usando uniforme escolar. Das crianças entrevistadas, 20% têm fotos na Internet vestindo biquíni, maiô ou sunga. Para um pedófilo, este tipo de foto pode ser atraente, principalmente quando se trata de um pedófilo colecionador.

Tanto as crianças quanto seus pais/responsáveis devem ficar atentos em relação às fotos publicadas, pois podem divulgar, sem ter a intenção, informações pessoais que colocam a criança em risco.

Atualmente, as câmeras digitais permitem que as crianças fotografem e filmem, sendo possível, além de fotos, a criação de vídeos. O gráfico 11 mostra que das crianças entrevistadas, 35% consideram perigoso fazer e postar na Internet um vídeo em que aparecem, 25% acham legal, mas nunca fizeram, 20% nunca pensaram sobre este assunto, 10% acham legal e já fizeram e 10% já fizeram e tiveram problemas.

Gráfico 11 – O que as crianças entrevistadas pensam sobre fazer e postar na Internet um vídeo em que aparecem



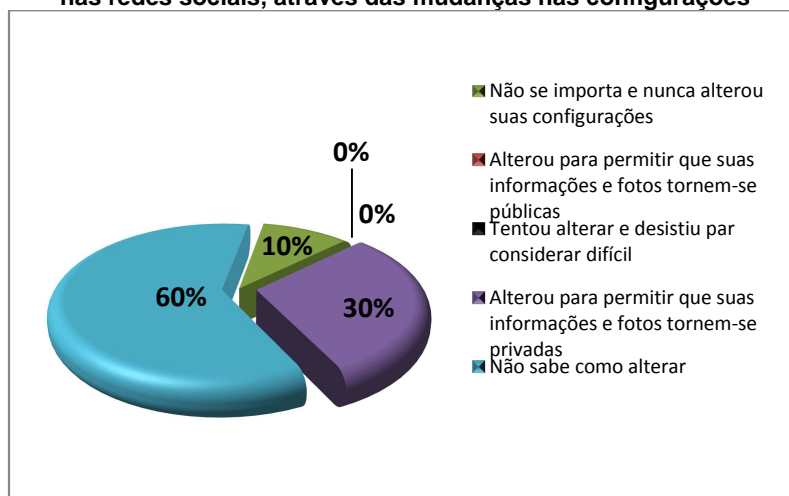
Fonte: autoria própria

Apesar de 35% das crianças considerarem perigoso publicar um vídeo com sua imagem na Internet, 35% acham “legal”, mas não necessariamente o fez e 20% já fizeram este tipo de publicação. Em casos como este, faz-se necessário que a família acompanhe todo o processo e principalmente o resultado final do vídeo, antes da sua publicação.

Todas as crianças entrevistadas afirmam que um amigo virtual nunca solicitou fotos ou vídeos seus. Com esse dado, não é possível saber se a criança publicaria foto ou vídeo seu caso solicitado, pois todas afirmaram que nunca ninguém lhes pediu.

Outro fator a ser considerado é que as redes sociais permitem que suas configurações sejam alteradas para aumentar a segurança dos dados dos usuários. Com o gráfico 12, pode-se compreender a opinião das crianças entrevistadas sobre a segurança nas redes sociais, através das mudanças nas configurações. Das crianças entrevistadas, 60% não sabem como alterar as configurações das redes sociais para garantir segurança das suas informações, 30% alteraram as configurações para permitir que suas informações e fotos tornem-se privadas e 10% das crianças não se importam e nunca alteraram suas configurações.

Gráfico 12 – Opinião das crianças entrevistadas em relação à segurança nas redes sociais, através das mudanças nas configurações



Fonte: autoria própria

Conclui-se que a maior parte das crianças entrevistadas tem consciência da necessidade de proteger seus dados pessoais na Internet, mesmo assim, muitas têm fotos, vídeos e dados pessoais expostos na rede. Um grande número das crianças entrevistadas (60%) não sabe como alterar as configurações nas suas redes sociais para evitar que suas informações fiquem públicas.

9.4 Não permissão de encontros sem acompanhamento

O quarto dos sete passos-chave que Sanderson (2005) enfatiza é sobre “*nunca permitir que os filhos encontrem alguém que contataram pela Internet sem acompanhá-los*”.

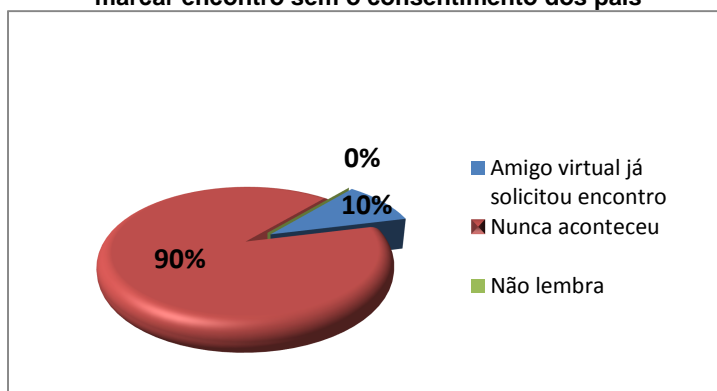
Conhecer pessoas diferentes pode ser interessante e saudável para o relacionamento de adultos e crianças e a Internet é um meio que proporciona o encontro de pessoas com os mesmos interesses. Embora seja uma mídia capaz de aumentar o contato entre as pessoas de diversos lugares do mundo, pode ser perigosa, principalmente para as crianças que estão em desenvolvimento e não têm a percepção de que alguém pode estar mal intencionado e quer aliciá-la para fins sexuais, por exemplo.

Como é possível observar no gráfico 7, as crianças entrevistadas afirmam que nunca tiveram encontros reais com pessoas que conheceram na Internet. O gráfico demonstra que 70% das crianças entrevistadas têm medo de encontrar-se com um desconhecido e este fato possivelmente impediu, até o momento, que a maioria das crianças tivesse esta experiência.

Caso os pais/responsáveis considerem importante que a criança tenha um encontro real com amigo virtual, a orientação de Sanderson (2005) é de que este seja realizado em local público, com grande número de pessoas e sempre acompanhado por um responsável. Esta atitude diminui os riscos de raptos, sequestros ou abusos sexuais.

O gráfico 13 demonstra que das crianças entrevistadas, 90% nunca tiveram amigos virtuais que quiseram marcar encontro sem o consentimento dos seus pais e 10% tiveram amigos virtuais que solicitaram encontro sem os pais consentirem.

Gráfico 13 – Crianças entrevistadas com amigos virtuais que quiseram marcar encontro sem o consentimento dos pais



Fonte: autoria própria

Pessoas com intenções de abusar sexualmente das crianças tentam convencê-las a comparecer a encontros sem que os pais/responsáveis por ela saibam. A presença de um adulto pode inibir a ação de um pedófilo.

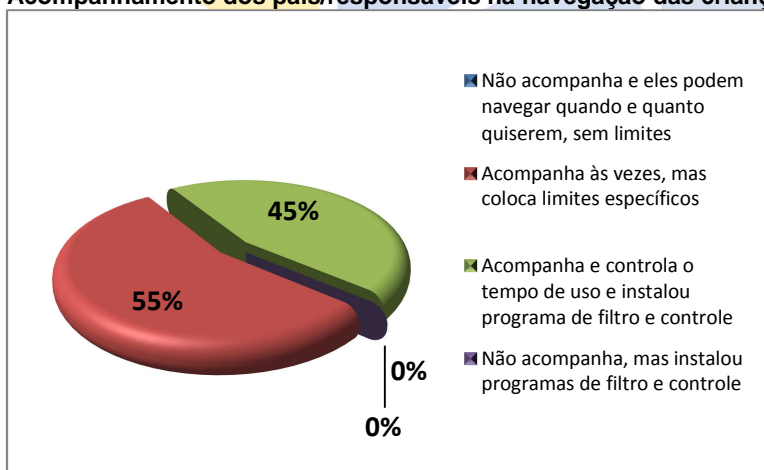
9.5 Ênfase no positivo

No quinto passo, Sanderson (2005) orienta que os pais “*ênfatem o positivo*”, ou seja, dediquem um tempo para procurar *sites* bons e úteis junto com a criança. É importante que pais/responsáveis mantenham um diálogo com as crianças sobre a Internet, principalmente a respeito do que elas acessam.

O acompanhamento dos pais durante a navegação das crianças na Internet faz-se necessário e no gráfico 14, pode-se verificar que dos pais/responsáveis entrevistados, 55% às vezes acompanham a navegação das crianças na Internet, mas colocam limites específicos e 45% acompanham e controlam o tempo de uso da criança na Internet, além de ter instalado programa de filtro e controle.

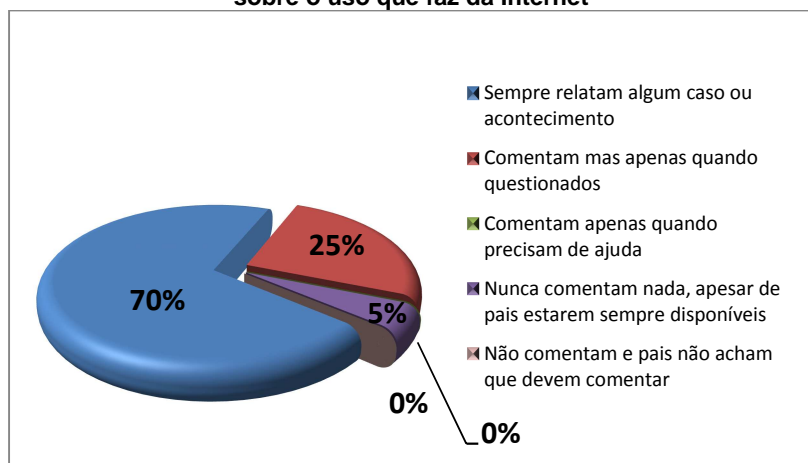
Por meio do diálogo, os pais/responsáveis podem compreender o que os filhos acessam na Internet e como o fazem. O gráfico 15 demonstra que de acordo com 70% dos pais/responsáveis entrevistados, as crianças sempre relatam algum caso ou acontecimento quando usam a Internet, 25% afirmam que as crianças comentam o uso da Internet, mas apenas quando questionadas e 5% nunca comentam nada, apesar dos pais estarem sempre disponíveis.

Gráfico 14 – Acompanhamento dos pais/responsáveis na navegação das crianças na Internet



Fonte: autoria própria

Gráfico 15 – Frequência com que crianças relatam aos pais/responsáveis entrevistados, sobre o uso que faz da Internet

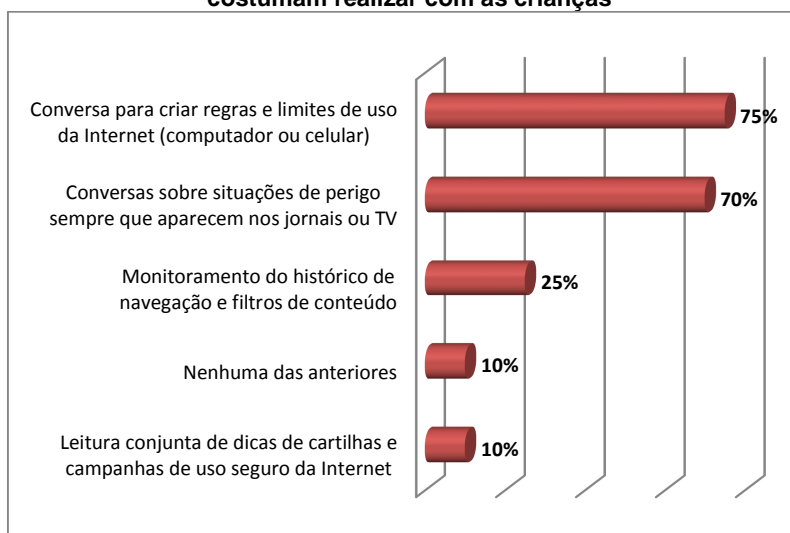


Fonte: autoria própria

Observando os gráficos 14 e 15, pode-se concluir que os pais/responsáveis frequentemente acompanham a criança enquanto esta acessa a Internet e, na maioria das vezes, estão disponíveis para conversar sobre este assunto. Grande parte das crianças tem o hábito de relatar algum acontecimento que ocorreu durante o uso da Internet, de forma espontânea ou quando questionadas por seus pais/responsáveis. Isto demonstra que a família conversa com as crianças sobre a Internet de maneira geral, facilitando assim, melhor acompanhamento sobre o uso que a criança faz desta mídia.

Os pais/responsáveis realizam com as crianças outras atividades relacionadas à Internet. O gráfico 16 aponta que dentro dos tipos de atividades relacionadas à Internet, 75% dos pais/responsáveis costumam conversar com as crianças para criar regras e limites de uso, 70% costumam conversar com as crianças sobre situações de perigo sempre que aparecem nos jornais ou TV, 25% monitoram o histórico de navegação e filtros de conteúdo, 10% fazem leitura conjunta de dicas de cartilhas e campanhas de uso seguro da Internet e 10% não praticam nenhuma das atividades citadas.

Gráfico 16 – Tipos de atividades relacionadas à Internet, que pais/responsáveis entrevistados costumam realizar com as crianças



Fonte: autoria própria

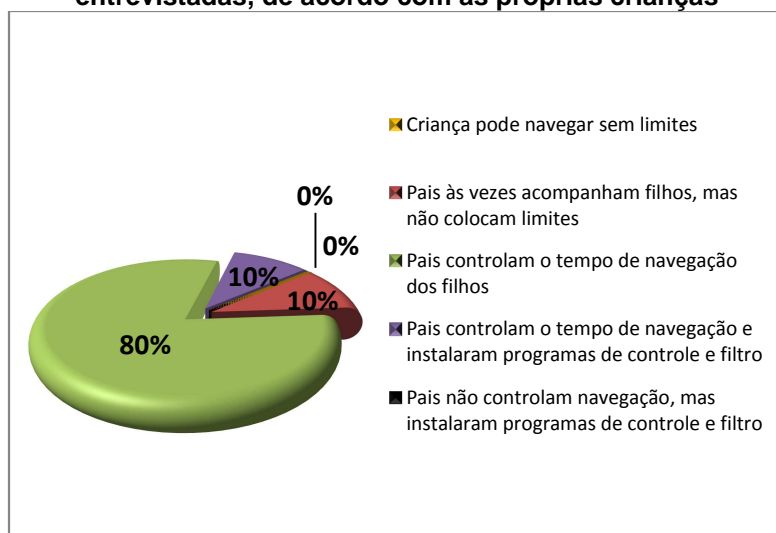
Muitos pais/responsáveis dedicam parte do seu tempo para conversar e orientar as crianças sobre diversos assuntos relacionados à Internet. Entre estes assuntos, a maioria refere-se ao comportamento seguro e limites durante navegação.

9.6 Utilização de filtros

No sexto dos sete passos-chave, Sanderson (2005) orienta que os pais “considerem a possibilidade de usar filtros”.

O gráfico 14 mostra que dos pais/responsáveis entrevistados, 45% acompanham o acesso das crianças na Internet, controlam o tempo que elas navegam e instalaram programas de filtro e controle. No gráfico 17, verifica-se que de acordo com as crianças entrevistadas, 80% afirmam que os pais/responsáveis controlam seu tempo de navegação pela Internet, 10% dos pais às vezes acompanham o acesso da criança, mas não colocam limites de tempo e 10% dos pais/responsáveis, além de controlarem o tempo de navegação, instalaram programas de controle e filtro.

Gráfico 17 – Tipo de acompanhamento e controle dos pais durante navegação das crianças entrevistadas, de acordo com as próprias crianças



Fonte: autoria própria

A instalação de filtro e controle pode auxiliar a família a definir o que é permitido para a criança acessar ou não. Algumas ferramentas também auxiliam a controlar o tempo que a criança pode permanecer conectada à Internet.

De acordo com as crianças entrevistadas, 80% declaram que os pais/responsáveis controlam o tempo de navegação na Internet, o que demonstra que a família limita o acesso da criança, favorecendo assim, a divisão do tempo da criança com outras tarefas.

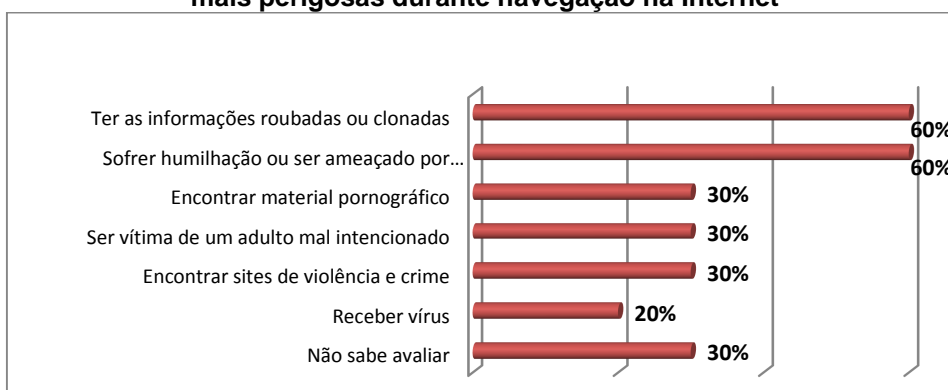
9.7 Conhecimento sobre denúncias

No sétimo passo, Sanderson (2005) menciona sobre “saber a quem relatar”. Existem vários tipos de crimes virtuais, uns mais comuns e outros mais raros de acontecer. Diversas situações amedrontam adultos e crianças enquanto acessam a Internet.

As crianças têm mais receio diante de alguns perigos proporcionados pela Internet e menos receio diante de outros. O gráfico 18 aponta que 60% das crianças entrevistadas consideram perigoso ter as informações roubadas ou clonadas, 60% percebem que há perigo em sofrer humilhação ou ser ameaçado por colegas, o Ciberbullying⁷, 30% consideram perigoso encontrar material pornográfico durante a navegação, 30% consideram perigoso ser vítima de um adulto mal intencionado, 30% temem encontrar sites de violência e crime, 20% acham que receber vírus pela Internet é um risco e 30% das crianças não sabem avaliar.

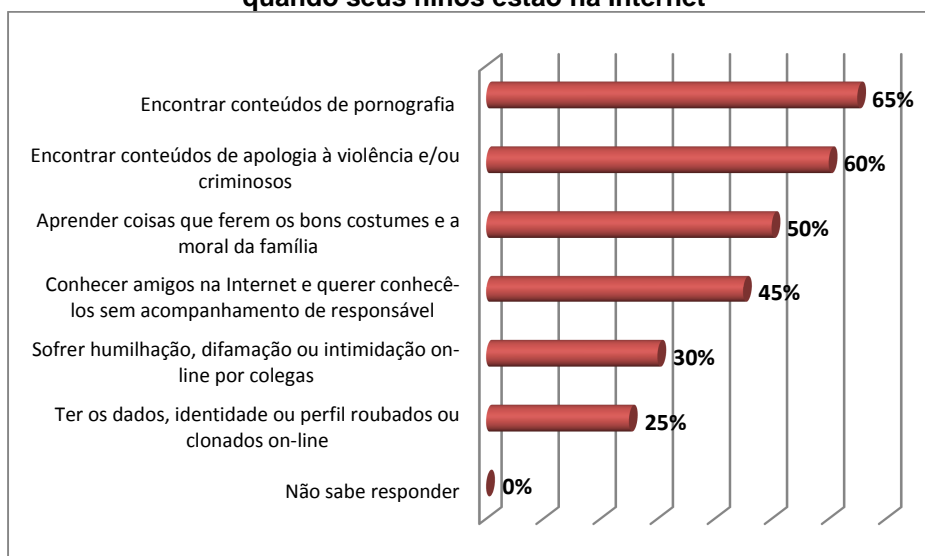
Enquanto as crianças demonstram ter receio de alguns tipos de situações durante navegação na Internet, o gráfico 19 aponta que os pais/responsáveis têm medo de outras ocorrências, sendo que 65% dos entrevistados temem que as crianças encontrem conteúdos de pornografia, 60% temem que elas encontrem conteúdos de apologia à violência e/ou criminosos, 50% consideram perigoso que as crianças aprendam coisas que ferem os bons costumes e a moral da família, 45% creem ser um risco a criança conhecer amigos na Internet e querer conhecê-los sem o acompanhamento de um responsável, 30% temem que as crianças sofram humilhação, difamação ou intimidação por colegas e 25% temem que as crianças tenham os dados, identidade ou perfil roubado ou clonado.

Gráfico 18 – Situações que as crianças entrevistadas consideram mais perigosas durante navegação na Internet



Fonte: autoria própria

Gráfico 19 – Principais riscos que pais/responsáveis consideram quando seus filhos estão na Internet



Fonte: autoria própria

Enquanto 60% das crianças entrevistadas temem que suas informações na Internet sejam roubadas ou clonadas, 30% dos pais/responsáveis têm medo que isto aconteça com os filhos. Das crianças entrevistadas, 60% têm medo de serem vítimas de *ciberbullying* e 30% dos pais/responsáveis têm este medo. Em contrapartida, 65% dos pais/responsáveis entrevistados consideram um risco seus filhos terem acesso a conteúdos pornográficos, medo este sentido por 30% das crianças. Outro dado interessante é que 30% das crianças entrevistadas não sabem avaliar as situações mais perigosas durante navegação na Internet.

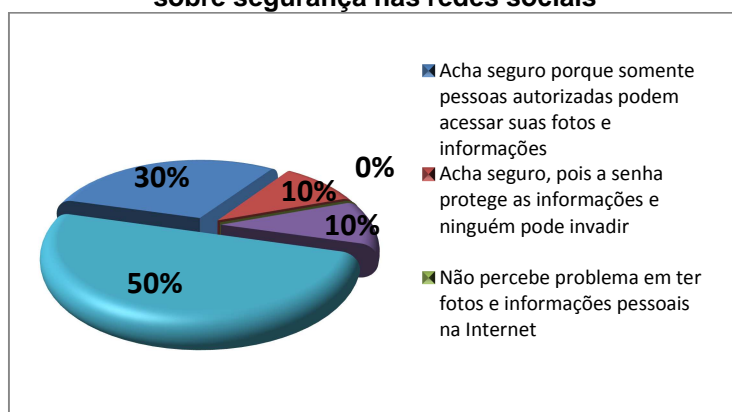
Ao analisar os gráficos 18 e 19, nota-se que o conceito de perigo na Internet é diferente para pais e filhos. Neste caso, pais/responsáveis podem ter maior dificuldade para orientar as crianças quanto à necessidade de proteção na Internet, já que as opiniões se divergem e muitas crianças não consideram perigoso ou muito perigoso o que os adultos temem.

O gráfico 20 demonstra que das crianças entrevistadas, 50% consideram que as redes sociais às vezes são seguras, outras vezes não, 30% consideram as redes sociais seguras porque somente pessoas autorizadas podem acessar suas fotos e informações, 10% consideram seguro, pois a senha protege as informações e ninguém pode invadir e 10% das crianças não se sentem seguras acessando as redes sociais.

Já o gráfico 21 mostra que 55% dos pais/responsáveis nunca se sentem seguros ao acessar a Internet, pois acreditam que podem escapar de ameaças e tentativas de abuso, 30% sentem-se seguros na maioria das vezes, mas souberam de novos perigos e atualmente tomam mais cuidado, 10% nunca sentem-

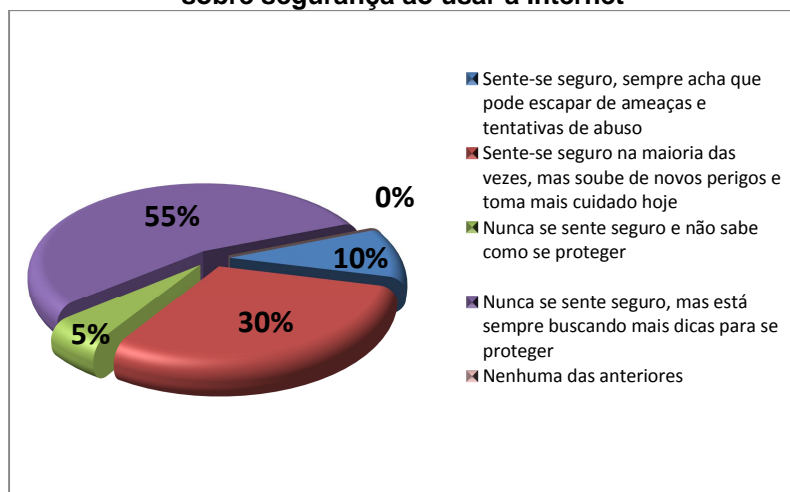
se seguros e não sabem como se proteger e 5% nunca sentem-se seguros, mas estão sempre buscando mais dicas para se proteger.

Gráfico 20 – Opinião das crianças entrevistadas sobre segurança nas redes sociais



Fonte: autoria própria

Gráfico 21 – Opinião dos pais/responsáveis entrevistados sobre segurança ao usar a Internet



Fonte: autoria própria

As perguntas foram elaboradas de formas diferentes para as crianças e para os pais/responsáveis. Às crianças, foi questionada a opinião em relação à segurança nas Redes Sociais, já aos pais, foi questionada a opinião sobre segurança na Internet de maneira geral.

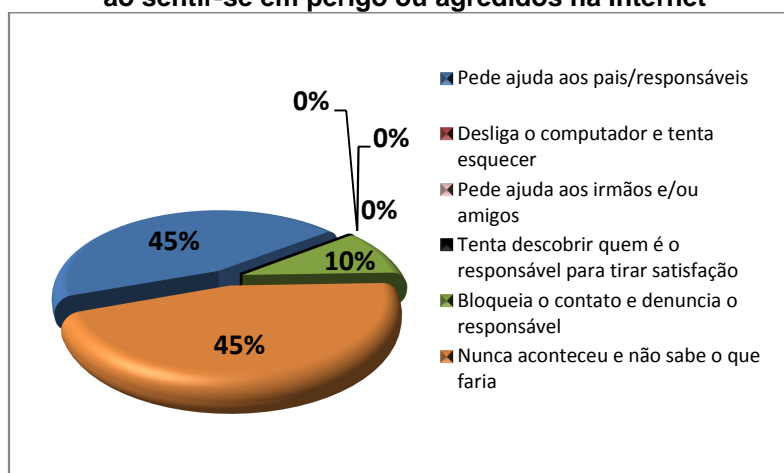
Considerando que as redes sociais são muito utilizadas pelas crianças enquanto acessam a Internet, a comparação entre os resultados dos gráficos 20 e 21 é feita enfatizando a segurança na Internet como um todo.

Percebe-se por meio destes resultados, que tanto adultos quanto crianças entrevistadas têm consciência de que a Internet não é completamente segura, mas com alguns cuidados, nada impede de usar esta tecnologia.

As crianças também podem aprender a evitar alguns riscos e diminuir, e muito, as chances de serem aliciadas por um pedófilo ou serem vítimas de qualquer crime cibernético.

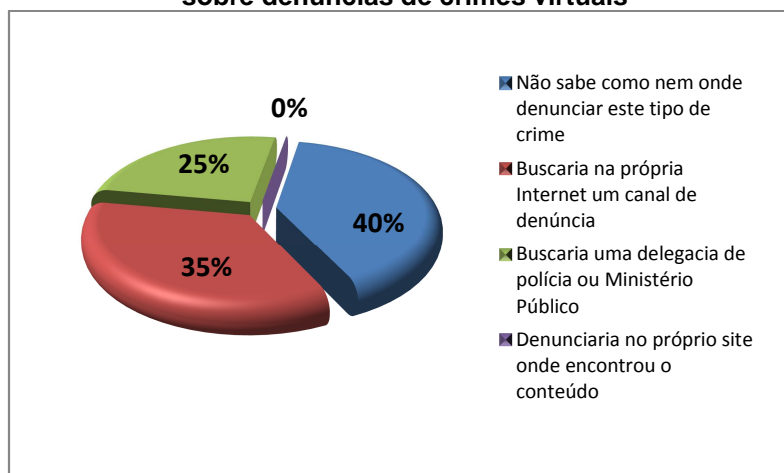
O gráfico 22 aponta que 45% das crianças entrevistadas nunca se sentiram em perigo ou foram agredidas na Internet e, caso acontecesse, não saberiam o que fazer, 45% das crianças pediriam ajuda aos pais/responsáveis e 10% bloqueariam o contato e denunciam o responsável. Já o gráfico 23 demonstra que dos pais/responsáveis entrevistados, 40% não sabem como nem onde denunciar crimes virtuais, 35% buscariam na própria Internet um canal de denúncia e 25% buscariam uma delegacia de polícia ou Ministério Público.

Gráfico 22 – Atitude que as crianças entrevistadas tomam ao sentir-se em perigo ou agredidos na Internet



Fonte: autoria própria

Gráfico 23 – Opinião dos pais/responsáveis entrevistados sobre denúncias de crimes virtuais



Fonte: autoria própria

É interessante verificar que 45% das crianças entrevistadas não sabem o que fazer diante de uma ameaça ou crime cibernético e 45% pediria ajuda aos pais/responsáveis. Em contrapartida, 40% dos pais/responsáveis não sabem como, nem onde denunciar este tipo de crime. Conclui-se desta forma que a maior parte das pessoas não sabe onde buscar ajuda, caso seja vítima de um crime cibernético. Se as crianças pedem ajuda aos pai/responsáveis e grande parte deles não sabe onde denunciar o crime, torna-se impossível levantar um número real dos crimes praticados na Internet, pois muitas denúncias não são realizadas.

CONCLUSÃO

De maneira geral, o resultado da pesquisa demonstra que tanto as crianças quanto seus pais/responsáveis têm consciência de que a Internet não é uma mídia segura e é necessário cuidar para não serem vítimas de pessoas mal-intencionadas. No entanto, ter esta consciência não significa que o comportamento da população pesquisada seja seguro.

Em seu trabalho, Bretan (2012) utiliza o termo nativos digitais quando refere-se a crianças e adolescentes que têm acesso à tecnologia desde bebês. As crianças entrevistadas fazem parte desta geração e devido ao acesso tecnológico ser natural na vida delas, são mais cuidadosas e, portanto, estão mais protegidas de ataques cibernéticos.

Neste mesmo trabalho, Bretan (2012) enfatiza que as crianças de classes sociais mais baixas são mais vulneráveis que outras, alegando que muitas destas crianças fazem uso da tecnologia com pouca informação a respeito dos riscos que a Internet proporciona. Sabe-se que a inclusão digital ocorreu em praticamente todo o território nacional, no entanto, fala-se muito pouco sobre a segurança das informações que são compartilhadas pela rede mundial.

Com esta pesquisa não foi possível verificar se as crianças de classes sociais mais baixas estão mais vulneráveis a riscos como a pedofilia na Internet, já que a pesquisa não se aprofundou na questão da renda familiar. Mas os resultados demonstram que pode haver diferenças não necessariamente na classe social, mas no nível de escolaridade e conhecimento sobre a navegação na Internet que a família possui, diferenciando no tipo de orientação que pode ser dada aos filhos.

Os dados demonstram que esta pesquisa necessita ser ampliada, ou seja, garantir uma amostragem maior e envolver pais/responsáveis com vários níveis de escolaridade e conhecimentos sobre a Internet. No entanto, esta pesquisa permitiu observar que alguns comportamentos das famílias entrevistadas tornam possível o aumento da segurança das crianças quando estas acessam a Internet.

Grande parte do material teórico estudado foi escrito há oito ou 10 anos, o que mostra que a consciência da população que tem acesso a publicações sobre o tema segurança na Internet aumentou, permitindo conhecimento sobre maneiras de não tornarem-se vítimas de crimes cibernéticos, o que inclui a pedofilia.

Embora não seja possível saber o nível de conhecimento que crianças e pais/responsáveis têm sobre a forma de atuação dos pedófilos na Internet, pode-se dizer que de maneira geral, as famílias entrevistadas preocupam-se com a proteção das crianças diante deste tipo de ataque.

Resumidamente, esta pesquisa indica que famílias com acesso aos meios de comunicação, que têm facilidade e disponibilidade para buscar informações sobre a própria segurança e das suas crianças são pouco vulneráveis a riscos na Internet, mesmo assim, praticam alguns comportamentos de risco, como expor fotos das crianças na Internet, não configurar redes sociais para ter o máximo de privacidade possível ou compartilhar dados pessoais. Tais comportamentos podem facilitar que pedófilos tenham acesso mais fácil às crianças, aumentando as chances de aliciá-las sexualmente.

No entanto, este trabalho não responde algumas perguntas e desperta a curiosidade para saber se a população cujos pais/responsáveis que não têm o hábito de usar a Internet e desconhecem esta tecnologia, conseguem proteger seus filhos de ataques cibernéticos.

Também não é possível identificar se as crianças, por si só, conseguem prever riscos eminentes e tornarem-se menos vulneráveis a serem vítimas de pedofilia e outros crimes, ou ainda se programas ou campanhas de prevenção auxiliam na proteção e consequentemente na diminuição dos crimes cibernéticos.

¹ Os Engenheiros Sociais utilizam-se de um método de ataque conhecido como Engenharia Social. Para realizar este tipo de ataque, alguém faz uso da persuasão (forma de induzir alguém a aceitar uma ideia, uma atitude, ou realizar uma ação) e muitas vezes, abusa da ingenuidade ou confiança de uma pessoa, para obter informações que podem ser utilizadas para ter acesso não autorizado a computadores ou informações de uma organização.

² Na biologia, o predador é o animal que persegue, captura e come sua presa de maneira agressiva.

³ Regride a alguma fase de desenvolvimento infantil.

⁴ Comportamento consciente e repetitivo.

⁵ Negligência é a ausência de cuidados. É um tipo de violência contra a criança, na qual o adulto responsável não cuida adequadamente da sua alimentação, medicamento, higiene pessoal, entre outros.

⁶ Atualmente, poucas pessoas fazem uso das salas de bate-papo, pois estão sendo substituídas gradualmente por conversas em sites de relacionamento, como por exemplo, o Facebook. O princípio é o mesmo, considerando que nas redes sociais é possível disponibilizar fotos e maiores informações pessoais, facilitando assim, que pedófilos selecionem suas vítimas de acordo com o perfil apresentado por elas mesmas.

⁷ É um tipo de violência contra uma pessoa praticada através da internet. Consiste em intimidar e hostilizar alguém (colega de escola, professores ou mesmo pessoas desconhecidas), difamando, insultando ou atacando covardemente.

REFERÊNCIAS

BRETAN, M. E. A. N. **Violência sexual contra crianças e adolescentes mediada pela tecnologia da informação e comunicação: elementos para a prevenção vital.** 2012. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTI JR., R. L. **Engenharia social nas redes sociais.** 2011. Monografia apresentada ao Departamento de Informática (DIN) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2011.

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------

MARTINS, P. C. R. (Org.). Pedofilia e internet: a intervenção do Estado e o poder econômico. **Justiça do Direito**, Passo Fundo, v.21, n.1, p.64-73. 2007

MITNICK, K. D., SIMON, W.L. **A arte de enganar.**, São Paulo: Person Education, 2003.

O'CONNELL, R. **A Typology of Child Cyber Sexploitation and On-line Grooming Practices**. Preston: Cyberspace Research Unit, University of Lancashire, 2003. Disponível em: <<http://image.guardian.co.uk/sys-files/Society/documents/2003/07/24/Netpaedoreport.pdf>>. Acesso em: 20 de ago. 2013.

SANDERSON, Christiane. **Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores pra proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia**. São Paulo: M. Books, 2005.

Alexandre Garcia Aguado

Mestre em Tecnologia e Inovação pela Faculdade de Tecnologia da Unicamp (2012) e Graduado em Tecnologia em Software Livre pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2007). Atualmente é professor dos cursos de Segurança da Informação e Jogos Digitais na FATEC-Americana. Antes de iniciar a carreira acadêmica foi Analista de Sistemas na Celestica Corporation,

suportando os sites do Canadá, EUA, México e Brasil, desligando-se em Setembro/2009.

Durante todo o ano de 2011 esteve em Angola como Voluntário através dos Salesianos de Dom Bosco onde coordenou as atividades de estruturação da área de Tecnologia da Informação, revendo as estruturas físicas das obras Salesianas e estruturando os programas de Formação Profissional em Informática de Jovens Angolanos.

Contato: ale.garcia.aguado@gmail.com

Fonte: CNPQ – Currículo Lattes

Mayra Lopes de Moraes

Graduanda do curso de Tecnologia de Segurança da Informação da Fatec Americana. Possui Bacharelado e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (2001). Possui pós-graduação em Acupuntura Sistemica pelo Instituto Brasileiro de Acupuntura (2009), pós-graduação em Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes pela Universidade de São Paulo (2007) e pós-graduação em Arte Terapia pela Universidade São Marcos (2005). Atualmente é psicóloga e acupunturista.

Consultório particular. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em psicodiagnóstico, psicoterapia e prevenção de adultos, crianças e adolescentes, atuando principalmente na saúde mental.

Contato: lopesmayra2@hotmail.com

Fonte: CNPQ – Currículo Lattes

Justificativa dos autores: Com o avanço tecnológico, crianças de todo o mundo têm acesso à Internet e muitos agressores sexuais utilizam-se desse meio de comunicação para aliciá-las sexualmente. Conhecer a problemática é fundamental para prevenir o problema, pois punir os responsáveis por esse crime não é garantido e os danos provocados nas crianças são irreparáveis. Esta pesquisa contribui com a reflexão sobre o tema, para que sejam pensadas estratégias para que as crianças tenham acesso às tecnologias sem o risco de terem seus direitos violados. Estudantes e profissionais de TI têm o dever de contribuir com a segurança de famílias, principalmente das crianças, portanto, a publicação deste artigo na Revista Tecnológica da Fatec Americana faz-se necessário para que este conhecimento seja divulgado para um grande número de pessoas.

R.Tec.FatecAM	Americana	v.2	n.1	p.137 - 159	mar./set. 2014
---------------	-----------	-----	-----	-------------	----------------